

### **Biblioteca Especializada Carolina Maria de Jesus**

A Biblioteca Especializada Carolina Maria de Jesus faz parte das ações e fica localizada no Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Pública, no andar térreo da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do estado da Bahia. Ela possui diversos títulos e gêneros literários afrocentrados e é considerada a primeira biblioteca baiana especializada nas temáticas raciais relacionadas ao Direito e Acesso à Justiça, Psicologia e Serviço Social, áreas do conhecimento abarcadas pela atuação multidisciplinar do Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela.

Originariamente, a Biblioteca Especializada Carolina Maria de Jesus possuía um acervo de mais de 750 obras sobre racismo, relações raciais, história da África, religião, gênero, política, sociedade e direitos humanos, também sendo possível ter acesso a vídeos e revistas.

Faça-nos uma visita, realize o seu cadastro e coloque a leitura em dia!

#### **Sobre Carolina Maria de Jesus:**



Carolina Maria de Jesus é uma das primeiras escritoras negras do Brasil com destaque nacional e internacional. Nasceu em 14 de março de 1914, no município de Sacramento, Minas Gerais. Filha de João Cândido e Maria Carolina de Jesus, a intelectual e escritora Carolina Maria de Jesus foi criada por sua mãe, que exercia o ofício de lavadeira e não possuía educação escolar formal, junto aos seus cinco irmãos e irmãs. A família vivia em condições precárias, com pouco ou nenhum acesso à direitos básicos, como saúde, educação, moradia, lazer e alimentação: esta última, um dos elementos centrais dos diários escritos por Carolina Maria de Jesus.

Com o surgimento de uma oportunidade de estudo conseguida pela sua mãe, Carolina Maria de Jesus cursou até o segundo ano primário, no Colégio Allan Kardec, e com isso ela foi se desenvolvendo e destacando nos estudos, se interessando pela leitura e ampliando sua visão de mundo. Foi no colégio que Carolina Maria de Jesus se encantou com a leitura. Nessa época, a então menina Carolina, foi vítima de

racismo, ódio religioso e calúnia, quando acusada de “feiticeira”, pois acreditavam que uma criança negra não poderia saber ler, muito menos ter tanto conhecimento, a menos que fosse “feiticeira”. A acusação encontra guarida no conservador Código Penal Brasileiro, especificamente, nos artigos 283, “charlatanismo”, e 284, tipo penal intitulado de “curandeirismo”, ambos concebidos para marginalização de práticas de cuidado de povos originários e de povos africanos e historicamente acionados para criminalizar essas populações, suas terapias naturais e manifestações de religiosidade. O racismo foi a mola propulsora da descrença da capacidade intelectual do negro, especialmente, para acessar o universo literário, da tradicional intelectualidade hegemônica. Assim, após a acusação injusta, por proteção, sua mãe retirou-a do colégio. Aqui temos mais um episódio de racismo comprometendo uma jornada brilhante.

Em sua fase adulta, Carolina Maria de Jesus começou a trabalhar como lavadeira e empregada doméstica. Entretanto, com a morte de sua mãe, ela deixa a sua cidade natal e segue para São Paulo, com perspectiva de melhoria de vida. Já na cidade, ela consegue emprego como faxineira na Santa Casa de Franca.

Em 1948, a vida de Carolina passa por grandes mudanças. Tornou-se mãe



negra solo e mudou-se para a favela do Canindé, atualmente conhecida como Marginal Tietê, onde criou seus três filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima. Ela era uma mulher negra, pobre, grávida,

desempregada e desamparada numa grande cidade em expansão.

Na favela, ela começou a trabalhar como catadora de papel e foi no lixo que



ela encontrou livros, revistas e cadernos que alimentaram o seu gosto pela leitura e escrita e, por meio da literatura, desenvolveu uma escrita inédita, sofrida e crítica sobre a realidade que vivia.

Na década de 1950, a escrita de Carolina Maria de Jesus despertou o interesse do jornalista Audálio Dantas que, ao ter contato com seus cadernos identificou a genialidade de quem possuía o olhar voltado sobre a realidade nua e crua, da favela ao asfalto. Deste modo, Carolina adentrou formalmente no mundo das letras, com a publicação da sua primeira obra, Quarto de despejo: diário de uma favelada.

*A publicação de Quarto de despejo deu-se em 1960, tendo o livro uma vendagem recorde de trinta mil exemplares, na primeira edição, chegando ao total de cem mil exemplares vendidos, na segunda e terceira edições. Além disso, foi traduzido para 15 idiomas e distribuído em mais de quarenta países. A publicação e a tiragem dos exemplares demonstram o interesse do público e da mídia pelo ineditismo da narrativa. (LITERAFRO, 2021)*



A escritora ainda publicou mais livros: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963), *Diário de Bitita* (1982) e outras obras, que não obtiveram o mesmo grande sucesso do Quarto de despejo.

A década de 60, época da publicação do livro Quarto de Despejo e de outras obras da escritora, foi marcada por grandes momentos históricos de violações de direitos humanos, direitos civis e políticos e direitos culturais, no cenário nacional e internacional. Mas, também, foi marcada por movimentos de resistência popular.

Internacionalmente, a década de 60 foi marcada pela auto-organização popular, surgimento e consolidação de movimentos negros, como o Black Power, movimentos estudantis, movimentos sociais protagonizados pela comunidade lgbtqiap+, discussões sobre direitos reprodutivos e invenção de contraceptivos, ampliação do debate sobre direitos humanos.

Na política nacional, com a instauração da ditadura militar em 1964, o Brasil passou por um período conturbado e de esfacelamento social, alimentado pela repressão, censura, cerceio de liberdades e direitos fundamentais e normalização de violências. Na cultura, o surgimento de movimentos como o Tropicalismo e a Jovem Guarda despontam como resposta artística, em forma de rebeldia, contra os governos autoritários: o primeiro de tônica crítica, com letras combativas e de denúncia, já o segundo no limite do alheamento das problemáticas sociais e as questões políticas do país.

Observando o contexto histórico é possível perceber a relevância da produção literária de Carolina de Jesus. Com *Quarto Despejo* ela consegue romper barreiras e denunciar as injustiças raciais, sociopolíticas, econômicas e culturais, a um só tempo, com profundidade e de forma cativante perpassa por inúmeros gêneros literários. É uma potência feminina negra referência na afirmação da identidade de mulheres negras.

Mesmo com o sucesso da primeira obra *Quarto de despejo*, e de outras publicações, a escritora Carolina Maria de Jesus não obteve êxito e segurança financeira suficientes. Por um tempo, chegou a ser “esquecida” pelo público, seqüela de um país racista como o Brasil, que não autorizaria por muito tempo que uma mulher negra favelada estivesse em evidência. A escritora não conseguiu sair da situação de pobreza que vivia e passou seus últimos anos de vida como catadora de papel.

Carolina Maria de Jesus faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo.

Hoje, a sua trajetória de vida e suas produções literárias são referência no mundo da literatura, sendo citada por grandes escritoras e pesquisadoras negras como Conceição Evaristo, Livia Natália, Carla Akotirene e diversas outras intelectuais e pesquisadoras negras.

Em reconhecimento do seu legado e da sua contribuição para a literatura, a escritora ganhou várias homenagens pelo país, em destaque temos:

- *Biblioteca Carolina Maria de Jesus: Nos anos 2000, foi inaugurado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, o Museu Afro-Brasil, cuja biblioteca leva o nome de Carolina Maria de Jesus. A biblioteca possui cerca de 6.800 publicações com especial destaque para uma coleção de obras raras sobre o tema do Tráfico Atlântico e Abolição da Escravatura no Brasil, América Latina, Caribe e Estados Unidos (LITERAFRO, 2021);*
- *Biblioteca Carolina Maria de Jesus: instalada na Secretaria da Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI), que fora criada em 2006, a Biblioteca se encontra vinculada ao Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela (CRNM), que foi instituído em 2013;*
- O legado da escritora Carolina Maria de Jesus se expandiu por diversos campos de pensamento e áreas do conhecimento, sendo alvo de debates e pesquisas científicas acadêmicas. Também aporta no ambiente jurídico e inspira advogadas negras por meio da sua obra e trajetória de vida, seja pelas semelhanças na trajetória, seja pela agudeza de suas análises de conjuntura e manifesto senso de justiça. Nesse sentido, a autora foi uma das referências em

destaque na obra *Direito Negrorreferenciado: diálogos azeviches e outros fundamentos*, especialmente, no capítulo: *Racismo Institucional na Trajetória das Mulheres Negras: do quarto de despejo ao sistema do OAB*, de autoria de *Maíra Vida*, Coordenadora do Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela.

Carolina Maria de Jesus deixa seu legado encorajando, inspirando e provando que se pode ocupar espaços de poder marcados pelo racismo, sexismo, machismo e classismo através da leitura e da escrita que transforma e carrega na educação a esperança de contribuir para a transformação do nosso país, da nossa sociedade.

Por Maíra Santana Vida, Juliana Santos Conceição e Claudemiro Dias Bulhosa

### Referências

ANOS 60 NO BRASIL. Portal Educação, 2020. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/estetica/anos-60-no-brasil/48730>>. Acesso em: 05 de fev. de 2022.

CAROLINA MARIA DE JESUS. Literafro, 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 23 de jan. de 2022.

CAROLINA MARIA DE JESU. TVE, 2015. Disponível em: <<http://www.tve.com.br/2015/09/nacao-saiba-mais-carolina-de-jesus/>>. Acesso em: 24 de jan. de 2022.

*Racismo Institucional na Trajetória das Mulheres Negras: do quarto de despejo ao sistema do AOB*. In: VIDA, Maria. *Direito Negrorreferenciado: diálogos azeviches e outros fundamentos*. Salvador: Editora Mente Aberta, 2012.